

✦ ANAND DÍLVAR ✦

O ESCRAVO

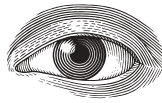
Mais de **UM MILHÃO** de livros vendidos

· Romance Inspiracional

— ✦ —
Um hino à vida,
para os fãs de
Don Miguel Ruiz
e **Paulo Coelho**
— ✦ —


nascente

*Ao meu professor Marco Amezcua.
Pelo prazer de te ter como amigo.*



«Aquele que sacrifica a liberdade
em prol da segurança não merece
nem liberdade nem segurança.»

BENJAMIN FRANKLIN

PRÓLOGO

O mais difícil é morrer e renascer.

BUDA

*Cheguei à conclusão de que esta vida
é a única oportunidade de que dispomos
para sermos nós próprios.*

O ESCRAVO



Este é um livro digno de ser lido e depois relido várias vezes. A sua linguagem é agradavelmente direta; a história é genuína. Quem nunca foi — ou continua a ser — um escravo de problemas, medos e culpas? O autor guia-nos de forma simples e rápida através do universo da mente, até onde podemos encontrar o nosso Eu saudável, o qual parece que apenas conseguimos ouvir quando não conseguimos falar.

Francisco Ángel enriqueceu o conhecimento que adquiriu na Universidade Gestalt com as suas experiências em viagens longas pela Ásia, especialmente na Índia.

A personagem principal do livro representa-nos. Através dela, acabamos por perceber que, tentando escapar à nossa realidade através do álcool ou das drogas, deixamos de ver os milagres que nos rodeiam. Através dela, também compreendemos que

não valorizamos aquilo que temos até ao momento em que o perdemos.

Este livro irá mantê-lo, caro leitor, num estado permanente de suspense. A partir do momento em que pegar nele, não o conseguirá largar.

É um hino à vida.

DR. HÉCTOR SALAMA PENHOS,
Reitor da Universidade Gestalt, México

CAPÍTULO
U M



Quando recuperei os sentidos, percebi de imediato que havia algo de muito errado. Uma luz diante de mim ofuscava-me a vista e não me permitia sequer piscar os olhos. Tentei desviar o olhar, mexer os braços para tapar a cara com as mãos, mas não consegui. O meu corpo estava totalmente paralisado, e fui assolado por uma dor e um frio que nunca havia sentido.

Tentei gritar e pedir ajuda, mas foi inútil. Sentia algo na boca que me queimava a garganta e um ruído terrível ressoava nos meus ouvidos. Passaram várias horas durante as quais a minha mente foi tomada por uma aflição terrível. O desespero transformou-se em pavor à medida que determinados pensamentos começaram a formar-se na minha mente, filtrados pela dor...

Onde estou?

O que se passa?

Estou morto!

A mistura da dor com pavor e estes pensamentos fizeram-me perder os sentidos.

Graças a Deus, porque já não aguentava mais. Não sei se passaram horas ou dias até voltar a mim. Continuava imóvel, com os olhos totalmente abertos. A dor havia diminuído um pouco e a luz à minha frente continuava a ofuscar-me, mas tornara-se suportável. Comecei a perceber que o terrível ruído era uma espécie de respiração forçada, profunda e audível... mas tinha a certeza de que não era a minha respiração.

A atenuação da dor física deu lugar a outro tipo de sofrimento: a confusão na minha mente e a necessidade urgente de respostas.

Estarei realmente morto?

De quem é a respiração que ouço?

O que é isto que sinto na boca a arranhar-me a garganta?

Pouco a pouco, fui recuperando memórias daquele que me pareceu ser o dia anterior: a festa, as bebidas, a discussão com a Laura e a insistência do Eduardo para que experimentasse aquela droga que ele achava fascinante.

— Por favor, larga a bebida, querido... Não vês que estás a dar cabo da tua vida? — gritava-me a Laura.
— É isso que tu queres?

— Não quero dar cabo da minha vida, só quero fugir.

— Fugir de quê? Enlouqueceste.

— Sim, enlouqueci e tu não me compreendes... Ninguém me compreende...

Levei à boca os dois comprimidos azuis que acei-tei do Eduardo. É a última coisa de que me recordo.

Meu Deus, consegui, finalmente! Dei cabo da minha vida.

Não pode ser... O que se passa?

Porque não consigo mexer-me?

Porque não consigo fechar os olhos?

Aquele idiota envenenou-me, pensava. Vim parar ao inferno à conta de tudo o que fiz. É muito pior do que imaginava.

Não acreditava na vida depois da morte, mas, naquele momento, não encontrava outra resposta plausível.

Não, meu Deus... Perdoa-me, por favor!

Dá-me outra oportunidade...

O som de uma porta a abrir interrompeu os meus pensamentos. Em seguida, ouvi a voz de uma mulher:

— Esta porcaria faz uma barulheira infernal! — comentou.

— É o único que temos, sabe como são as coisas neste hospital — respondeu um homem.

— Como é possível que tenhamos apenas um aparelho de respiração artificial?

— As coisas são como são, temos de fazer o melhor que podemos com o que temos.

— O que aconteceu a este aqui?

— Este? Está num estado lastimável. Destape-o e já vê.

Senti que levantavam o lençol que cobria a minha cara e pude ver uma mulher de bata branca com uma expressão que denotava simultaneamente espanto e susto.

— Está acordado! — gritou.

O homem que estava ao seu lado inclinou-se para ver melhor.

— Não, já estava assim quando chegou às Urgências. Disseram que teve um acidente. Estava totalmente drogado, mas ainda consciente, e só dizia: «Laura, Laura, perdoa-me.» Depois entrou em coma e instalou-se uma espécie de *rigor mortis*, sem que conseguíssemos fechar-lhe os olhos.

— Pobre idiota, mais valia ter morrido.

— Mais valia para nós, melhor dizendo! Agora, temos de manter vivo um vegetal numa cama que faz falta a outros. E ainda por cima a gastar eletricidade!

— Acha que ele consegue ver, ouvir... ou sentir?

— Claro que não, repare.

Vi um tubo a aproximar-se da cama e senti uma terrível pontada no braço.

Isso dói, cretino!

Estou vivo!

Estou consciente, ajudem-me!

Tentei gritar, inutilmente.

— Aproveite para lhe mudar o soro — disse o homem. — Alguém tem de regar os vegetais!

Os dois deram uma gargalhada e eu fui tomado por um sentimento de raiva e desespero. O homem saiu da sala. A mulher mudou o recipiente que estava junto à minha cama e saiu à pressa.

Já tinha algumas respostas. Repeti a conversa uma e outra vez na minha mente:

Um acidente...

Entrou em coma...

Laura, perdoa-me...

Alguém tem de regar os vegetais...

regar os vegetais...

regar os vegetais.

CAPÍTULO
DOIS



Nos primeiros dias, tive oportunidade de explorar o quarto onde me encontrava. Na verdade, explorava a parte do quarto que o meu campo de visão imóvel abarcava. No teto havia uma lâmpada de néon já gasta que parecia estar prestes a cair.

Do lado direito da minha cama estava um gancho que segurava um recipiente de soro, que a enfermeira mudava todos os dias. Mais à direita, conseguia ver um tubo que continha um fole preto que subia e descia ao ritmo daquela que consegui identificar como sendo a «minha respiração». Do lado esquerdo, conseguia distinguir um aparelho complexo com vários interruptores, luzes e monitores. Descobri mais tarde que era este aparelho que controlava a minha respiração, os meus batimentos cardíacos e os nutrientes que recebia através de um tubo que estava ligado ao meu estômago. Atrás desse aparelho vislumbrava parte

da janela que era a fonte do meu tormento. A luz que entrava todas as manhãs feria-me os olhos, acordando-me e revelando-me novamente o inferno em que me encontrava. A dor física não era nada comparada com a dor que me causavam os meus próprios pensamentos.

A impotência, a culpa, o rancor, o medo e a incapacidade de expressar as minhas emoções, tudo isso se conjugava na minha mente, levando-me ao desespero.

Todos os dias desejava não voltar a acordar, que aquela máquina que me mantinha vivo deixasse de funcionar e acabasse com o meu sofrimento. Que direito tinham os médicos de me manter ali? De que valia manter-me vivo? Era um maldito vegetal, incapaz de me mexer ou de me expressar!

A impotência apoderava-se de mim e convertia-se em ódio. Ódio por aqueles que me mantinham vivo, ódio em relação à própria vida. A enfermeira tinha razão, mais valia ter morrido. Mas, mesmo assim, todos os dias ela entrava no meu quarto, com a mesma expressão de medo, para mudar o soro que me alimentava. Apesar de achar que eu estava inconsciente, ela nunca me olhava nos olhos.

Verificava apressadamente se todos os tubos que ligavam o meu corpo à máquina estavam em ordem e saía o mais depressa possível. Todos os dias, assim que ela entrava no quarto, pedia-lhe em pensamento

que deixasse de cuidar de mim. Será que não percebia que não me fazia favor algum mantendo-me vivo?

— Deixa estar isso, por favor — suplicava-lhe em pensamento. — Se te perturba tanto olhar para mim, não apareças mais, deixa-me morrer...

Mas ela teimava em cumprir a sua rotina e em manter-me vivo, dia após dia.

Raios partam isto!

Acabem com isto!

Por favor, alguém faça alguma coisa, alguém me ajude!

Não quero viver mais!

— É MELHOR HABITUARES-TE, PORQUE PARECE QUE TÃO DEPRESSA NÃO SAIS DAÍ.

Subitamente, ouvi uma voz que falava comigo, apesar de não estar mais ninguém no quarto.

— FIZESTE-A BONITA DESTA VEZ — insistia a estranha voz.

Quem és tu? És um anjo?, perguntei, assustado. De alguma forma, percebi que a voz não vinha do exterior.

— ORA! ERAS O MAIOR DOS ATEUS E AGORA JÁ ACREDITAS EM DEUS E EM TODA A SUA CORTE CELESTIAL? NÃO BRINQUES COMIGO.

Mas... Como podes saber aquilo que penso?

Estou louco?

— ISSO É O MAIS CERTO.

Então, não és real?

— Ouve, não posso dizer-te nada que não saibas já. Talvez mais tarde percebas quem sou.

Mas... A Laura está bem?

Porque é que os meus pais não me vêm visitar?

Quando vou morrer?

Isto é um castigo?

— NÃO SEJAS IMBECIL! JÁ TE DISSE QUE NÃO SEI NADA QUE TU NÃO SAIBAS.

Então, vales-me de pouco.

— SE QUISERES, POSSO IR-ME EMBORA.

Não! Por favor, não vás!

Foi nesse momento que me lembrei de que a Laura costumava falar de guias espirituais, com os quais podemos comunicar se meditarmos o suficiente. Algo que sempre me pareceu um disparate.

— CONCORDO CONTIGO — respondeu a voz. — MAS GOSTO DESSA IDEIA DO «GUIA».

Seria possível que um guia espiritual fosse tão sarcástico e grosseiro?

— Ouve, se não gostas da minha maneira de ser, vou-me embora e ficamos por aqui.

Não, fica, só quero perceber o que se passa.

— DEVIAS TER TENTADO PERCEBER O QUE SE PASSAVA ANTES DE FAZERES OS DISPARATES QUE FIZESTE.

Só queria fugir e deixar os meus problemas para trás.

— QUERIAS FUGIR DOS TEUS PROBLEMAS E ACABASTE POR TRANSFORMAR-TE NUM ESCRAVO.

Um escravo?

— SIM, NÃO TENS LIBERDADE, NÃO PODES MEXER-TE OU EXPRESSAR-TE. NEM SEQUER PODERIAS MATAR-TE, SE QUISESSES FAZÊ-LO.

E tu apareceste para me fazeres sentir ainda pior, respondi.

— APARECI? SEMPRE ESTIVE CONTIGO, O PROBLEMA É QUE NUNCA ME QUISESTE ESCUTAR. ALÉM DISSO, NINGUÉM PODE FAZER-TE SENTIR SEJA O QUE FOR.

Que estupidez! Como é que ninguém pode fazer-me sentir seja o que for?

Os meus pais sempre me irritaram, os meus irmãos sempre me fizeram sentir inferior, as minhas namoradas estavam constantemente a desiludir-me e a magoar-me.

— DEIXA-ME EXPLICAR. ANTES DE VIRES AQUI PARAR, ERAS COMPLETAMENTE LIVRE, NADA NEM NINGUÉM TINHA PODER SOBRE TI. TINHAS A POSSIBILIDADE DE FAZER TUDO AQUILO QUE QUISESSES, ERAS DONO DA TUA VIDA.

E o que tem isso que ver com os meus sentimentos?

— CALMA, TENS ASSIM TANTA PRESSA? TEMOS MUITO TEMPO PARA PENSAR E FALAR À VONTADE.

Sarcasmo não te falta...

— CONTINUEMOS. ERAS LIVRE DE PENSAR AQUILO QUE QUISESSES E, POR CONSEQUENTE, DE ESCOLHER OS TEUS SENTIMENTOS.

Escolher os meus sentimentos?

— SIM, OS TEUS SENTIMENTOS PROVÊM, E SÓ PODEM PROVIR, DOS TEUS PENSAMENTOS. FUNCIONA DA SEGUINTE MANEIRA: PENSAS EM ALGO TRISTE E FICAS TRISTE; PENSAS EM ALGO QUE TE CHATEIA E IRRITAS-TE.

» PENSAS QUE OS OUTROS PODEM MAGOAR-TE, DESILU- DIR-TE OU FAZER-TE SENTIR MAL, MAS NINGUÉM CONSEGUE ENTRAR NA TUA MENTE E FAZER-TE PENSAR OU SENTIR SEJA O QUE FOR.

» NESTE MOMENTO, POR EXEMPLO, AS OUTRAS PESSOAS PODEM MEXER NO TEU CORPO E FAZER O QUE QUISEREM COM ELE, ATÉ DESLIGAR A MÁQUINA QUE TE MANTÉM VIVO, MAS ÉS TU QUE CONTROLAS OS TEUS PENSAMENTOS.

Disseste que não podias dizer nada que eu não sou- besse já.

— ISTO SÓ PROVA QUE NÃO ÉS TÃO TOLO COMO PEN- SAVAS.

Mais uma vez os insultos.

— NÃO É UM INSULTO. PENSAVAS QUE ERAS UM TOLO, ATÉ MESMO UMA VÍTIMA, SEMPRE A CULPAR OS OUTROS POR AQUILO QUE CORRIA MAL NA TUA VIDA.

Sim, não tinha uma vida tão fácil quanto isso. Já para não falar no azar que tive com a família que me calhou.

— COITADINHO DE TI! QUANDO FALAS ASSIM, VEJO-TE COMO UM ESCRAVO DO TEU PASSADO, DAS VONTADES DOS OUTROS, DAS CIRCUNSTÂNCIAS E DA SORTE.

Estás a dizer que controlava tudo o que se passava à minha volta, que controlava as outras pessoas?

— NÃO CONTROLAVAS TUDO O QUE SE PASSAVA, MAS CONTROLAVAS E CONTROLAS O QUE SE PASSA NA TUA MENTE. ÉS TU QUE DECIDES O QUE PENSAR E COMO REAGIR PERANTE AS SITUAÇÕES.

Pois, claro. E querias que reagisse de forma positiva perante todos os meus problemas?

— TINHAS A OPÇÃO DE OS VER COMO PROBLEMAS OU COMO OBSTÁCULOS A ULTRAPASSAR, COMO UMA MALDIÇÃO OU COMO UM DESAFIO. SE NÃO ERAS TU QUE DECIDIAS COMO REAGIR, QUEM DECIDIA?

Já me estás a irritar. Estás a dizer que sou o único culpado por tudo o que me acontece?

— TU É QUE TE ESTÁS A IRRITAR. E NÃO SE TRATA DE ATRIBUIR CULPAS. DIZ-ME LÁ, QUEM COMANDAVA A TUA MÃO DAQUELA VEZ QUE BATESTES NA LAURA? QUEM TE OBRIGAVA A BEBER UM COPO ATRÁS DO OUTRO? QUEM TE ENFIOU PELA GOELA ABAIXO OS COMPRIMIDOS QUE TE PUSERAM NESTE ESTADO?

Senti que estava prestes a explodir. Suponho que expressar as emoções é uma espécie de válvula de escape e eu nem sequer conseguia chorar. Estava furioso com o que ouvia o meu «guia» dizer, mas o pior é que ele tinha razão.

Por sorte, naquele momento aconteceu algo que distraiu a minha atenção: a porta abriu-se e entrou

uma enfermeira. Desta vez, não era aquela mulher fria que costumava mudar o soro que me alimentava. Aproximou-se da minha cama e inclinou-se para olhar para mim. Vi muita tristeza nos seus olhos verdes. Os cabelos loiros teimavam em cair-lhe para a cara, mas ela colocava-os prontamente atrás das orelhas. Ficou a observar-me durante uns segundos e tive oportunidade de ler o seu nome no crachá de identificação: Esperanza.

— Olá — disse-me.

Olá, Esperanza, imaginei-me a responder.

— Coitadinho de ti, olha o estado em que estás.

A vida tem destas coisas, continuava eu na minha conversa imaginária.

Afagou-me o cabelo e disse:

— Não te preocupes, vou cuidar de ti.

Muito obrigado, pensei.

— ELA TEM MUITO MAIS DE ANJO DO QUE EU. É É LINDA! — ouvi o meu guia comentar.

Mudou-me o soro com todo o desvelo, arrumou as almofadas debaixo da minha cabeça e verificou se os aparelhos à minha volta estavam a funcionar corretamente.

— Até amanhã — disse, antes de sair.

Até amanhã, imaginei-me a responder.

— ATÉ AMANHÃ, BORRACHO! — gritou o meu guia na minha cabeça.

**UMA OBRA SOBRE A LIBERDADE, O PERDÃO
E A SUPERAÇÃO PESSOAL, DESTINADA
A TORNAR-SE UM CLÁSSICO ESPIRITUAL
DOS NOSSOS TEMPOS.**

Após sofrer um terrível acidente, o protagonista desta história vê-se preso a uma cama de hospital. Apesar de imobilizado e de todos pensarem que se encontra em coma, tem os olhos abertos e está consciente, vendo e ouvindo tudo o que se passa à sua volta. Incapaz de comunicar com quem o rodeia, é tomado por um sentimento de ódio e impotência que o leva ao desespero e a invocar a morte, para acabar com o seu sofrimento.

Nesse momento, ouve uma voz interior, um guia espiritual com quem conversa procurando encontrar um sentido para a vida. Começa então a compreender que, ao tentar fugir dos seus problemas e ao não controlar os seus pensamentos e emoções, se tornou escravo de si próprio, vivendo preso ao passado, infeliz e carregando um pesado fardo de ressentimentos, medos e sentimentos de culpa.

Parte então numa viagem interior para recuperar a sua liberdade, tomando consciência de que a sua felicidade depende apenas de uma reconciliação consigo mesmo.



«Este é um livro digno de ser lido e depois relido várias vezes. A personagem principal representa-nos. Através dela compreendemos que não valorizamos aquilo que temos até ao momento em que o perdemos.»

DR. HÉCTOR SALAMA PENHOS,
REITOR DA UNIVERSIDADE GESTALT, MÉXICO

nascente
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-55-8



9 789898 855558

Romance Inspiracional